**TARI Atividade IV - Pós-Colonialismo e Teorias Normativas**

1. **Pós-Colonialismo (valor 1,0)**

O filme Avatar (2009) de James Cameron é normalmente criticado por repetir o imaginário colonial rudimentar extraído dos arquivos da fantasia imperial ocidental. Sua narrativa estereotipada sobre um confronto entre uma potência imperialista colonizadora e um nativo que preza sua cultura é deixa clara as instâncias críticas de arrogância europeia contra outros não europeus. Por baixo de sua retórica de multiculturalismo, pluralismo tolerante, consciência ecológica e crítica ao militarismo corporativo do Ocidente, o filme reproduz uma narrativa de privilégio europeu e produção da narrativa. Avatar não é sobre o povo Na'vi, o Outro do filme. Na verdade, o filme tematiza nossa relação com o Outro apenas para excluir "a real alteridade do outro”. Assim, ainda que o povo Na’vi seja o ‘vitorioso’ da batalha, a narrativa é controlada pelo ocidental que se ‘transforma’ em Na’vi. Com base no estudo de Edward Said e nas discussões em sala, identifique os principais elementos coloniais embutidos no filme:

1. **Teorias Normativas (valor 1,5)**

O texto abaixo foi adaptado de uma edição temática da newsletter *Meio,* de1 de Junho de 2019. Ele dá conta das principais forças políticas que, à época, denotavam a consolidação dos partidos de extrema-direita e anti-Europa naquele continente. Como se pode ler abaixo, os movimentos têm em comum o apelo ao nacionalismo, à soberania e à rejeição à imigração. Pode-se compreender a emergência dessas forças políticas como representação de grupos sociais que se viram prejudicados ou despojados de suas identidades nacionais pela integração de seus países nos regimes internacionais ou, no caso específico, na agenda supranacional da União Europeia.

Assim, responda a seguinte pergunta: à luz do Comunitarismo e do Cosmopolitismo, em que perspectiva teórica se enquadram os discursos pró e anti-Europa? Como as teorias normativas ajudam os grupos políticos em disputa a formular suas perspectivas narrativas e visões de mundo, e a conquistar eleitores em espaços geográficos tão distintos? Inclua na sua reflexão as críticas possíveis aos dois polos visíveis - sempre com base nas teorias - buscando, de um lado, elencar as debilidades da agenda institucional global e europeia que possibilitaram a ascensão eleitoral dos partidos de extrema-direita, e de outro, os possíveis prejuízos da exacerbação e consolidação da agenda nacionalista-soberanista.

***Meio, Edição de Sábado, 1 de Junho de 2019 - Adaptado.***

*É possível pinçar dois instantes que marcam a ascensão da nova direita europeia. O primeiro foi em 1999. Naquele ano, o FPÖ, Partido da Liberdade da Áustria, obteve 27% dos votos, consolidando poder suficiente para se juntar à coalizão governista. Seu líder, Jörg Haider, passou a vida fazendo elogios aos nazistas, era veementemente anti-imigração, islamófobico, e contra a formação da União Europeia. Foi um susto — mas, naquele momento, parecia um evento inusitado, não mais que um acidente histórico. Não fazia sentido cogitar que a extrema-direita pudesse crescer em todo o continente. O segundo instante foi há pouco. O Brexit, a decisão pelo povo britânico, em um plebiscito mal organizado no qual apenas 52% da população foi às urnas, de deixar a UE. Junho de 2016. Foi outro susto. Neste caso, seguido de avanços eleitorais importantes da Frente Nacional francesa e Liga do Norte, na Itália. Um padrão começava a se formar.*

*A eleição para o Parlamento Europeu ocorrida ao longo da semana passada permitiu um pequeno avanço e a real consolidação de um bloco de extrema-direita. De 20, passou a ocupar 23% das cadeiras. É importante, porém, ter uma visão realista do que isto quer dizer. A extrema-direita tem influência real em apenas três governos nacionais. São Hungria, Polônia e Itália. Dos três, apenas a Itália tem peso decisivo no parlamento — embora sua bancada esteja na minoria.*

*Além disso, embora sejam todos estes grupos percebidos como parte de um mesmo fenômeno, as particularidades regionais moldam os interesses políticos de cada partido. Em comum, os discursos se colocam contra imigrantes e advogam pelo incremento das respectivas soberanias em relação à subordinação das determinações da União Europeia. Estes, aqui, são os mais importantes dos novos poderes.*

*Itália*

*Até 2018, o partido liderado por Salvini era conhecido por Liga do Norte, uma união de seis movimentos regionais, todos, naturalmente, ao norte do país. Mas, naquele 2018, quando alcançou incríveis 17,4% dos votos sagrando-se o segundo maior partido italiano, já havia encurtado o nome para Lega. A Liga estava numa campanha de nacionalização.*

*Salvini descreve sua postura perante a União Europeia usando a palavra sovranista — soberanista. “Uma Europa que faz menos, mas faz melhor, abrindo espaço para os governos nacionais.” Ele também, utilizando-se do discurso contra instituições de governança típico da nova direita, defende que a estrutura eleita da UE — o Parlamento — tenha mais poder enquanto a parte burocrática e as agências regulatórias sejam esvaziadas. É a versão local do ‘antiglobalismo’ do americano Steve Bannon.*

*Para ele, o discurso a respeito da Europa caminha num equilíbrio tênue. Sua base eleitoral, no Norte, é extensivamente formada por pequenos empresários cujos negócios são dependentes do livre mercado no continente. São eleitores também beneficiados por incentivos fiscais ligados à União.*

*O discurso a respeito da Europa vem sendo modulado desde o pleito de 2018 quando, aliada ao Movimento 5 Estrelas, a Liga chegou ao poder em Roma. Mas é só nisso que moderou. Seu soberanismo vai além de nacionalismo e fetichiza a identidade nacional. O discurso contra imigrantes e contra ciganos não busca subterfúgios para disfarçar a xenofobia. Economicamente, é antiliberal. Dos países grandes, a Itália é o que mais sofreu com as medidas econômicas restritivas do Bloco Europeu e, por isso mesmo, se tornou o mais importante foco de desconforto com o projeto da UE. A vitória da Liga não ocorreu nas grandes cidades — ela perdeu em quase todas. É uma vitória construída nos subúrbios e zonas rurais, justamente as regiões menos cosmopolitas, mais economicamente ameaçadas, e mais susceptíveis a um discurso xenófobo.*

*Há um ano, a Liga tinha 17% contra mais de 30% do M5E. A equação inverteu esta semana e Salvini está próximo, se jogar politicamente bem, de se tornar o próximo premiê italiano. Nunca, desde o fim da Segunda Guerra, alguém com discurso tão parecido com o de Benito Mussolini chegou tão longe. Por isso mesmo, é inevitável que os defensores da União estejam prestando particular atenção na Itália.*

*Hungria*

*Em abril do ano passado, o húngaro Viktor Orbán conseguiu a terceira vitória eleitoral seguida, formando uma maioria sólida e crescente desde os pleitos de 2010 e 2014. “Na Europa de hoje”, discursou, “é proibido falar a verdade. Mas a imigração traz crime e terrorismo, põe a perigo nosso estilo de vida, nossa cultura, nossos costumes e nossas tradições cristãs”.*

*Muitos dos índices do governo de Orbán não são bons. O sistema de saúde pública está decadente e uma mudança no currículo escolar, que voltou a apostar em decoreba ao invés de raciocínio analítico, faz com que as notas dos alunos estejam diminuindo ano a ano em ciência, matemática e leitura. A esperança de vida — 76,2 anos — é uma das menores da Europa.*

*Mas há algo de bem distinto no Fidesz, o partido liderado por Orbán, que tem lhe garantido vitórias seguidas. No meio de um cinturão eslavo, a Hungria é um país à parte. Sua língua é tão distinta das outras na região que se tornou um poderoso símbolo de unidade — e de distinção — cultural. Esta identidade é tão sólida e antiga, milenar até, tão profundamente sentida por cada húngaro, que nas mãos de um político demagogo vira arma. O discurso eleitoral de Viktor Orbán é muito mais simples do que o de Matteo Salvini. Tem uma só mensagem: imigrantes ameaçam a Hungria enquanto a União Europeia, as Nações Unidas e ONGs financiadas por George Soros incentivam este ataque contra a alma nacional.*

*É mais simples por isso — Salvini precisa de um discurso econômico, precisa equilibrar com sutileza o discurso pró e contra UE, é visto com desconfiança nos grandes centros urbanos. Orbán não tem nenhum destes problemas. Até porque os dois países têm outra diferença importante: em 2017, o PIB húngaro cresceu 4% e o desemprego estava em 3,8%. Principalmente para a classe média, a Hungria vai bem. E, com o lento desmonte de instituições, partidos, ataques constantes à imprensa, cada vez menos há espaço para dissenso. Embora no outro lado do espectro político, Orbán lembra, nas ações em relação à democracia, um Hugo Chávez europeu.*

*França*

*Nenhum movimento de extrema-direita europeu tem raízes tão antigas quanto o Rassemblement National francês. Rali Nacional, que assim como a Liga italiana passou por uma mudança de marca recentemente. Era a Nacional Front, a Frente Nacional. O grupo surgiu como resposta ao maio de 1968 francês, formado inicialmente por veteranos da Guerra da Argélia que percebiam, no fim do imperialismo, uma decadência do país. Seu líder histórico, Jean-Marie Le Pen, foi por muitos anos uma figura folclórica, quase caricata pelo extremismo dos comentários. Acusado de ter sido torturador na Argélia, apologista dos Campos de Concentração nazistas, costumava dizer que resistir em Londres, como fizera o histórico presidente francês Charles De Gaulle durante a Segunda Guerra, era fácil. Hoje o comando está nas mãos de sua filha, Marine. Mas não é uma relação fácil a dos dois — como parte da reconstrução da imagem do partido, Marine não mudou apenas o nome. Também expulsou o pai dos quadros.*

*E este é um traço fundamental para compreender Marine Le Pen e sua RN: ela quer se livrar da pecha de radical, de extremista. No Parlamento Europeu, seu grupo encontrará partidos pequenos antissemitas, negadores do Holocausto, gente com quem seu pai não teria problemas de conversar. Para eles, Marine Le Pen vira as costas. Assim como, diferentemente de seu pai, seu ganho eleitoral, um pleito após o outro, vem sendo bastante respeitável.*

*Não se trata de uma movimentação ao centro. O discurso anti-imigrantes é forte, e parecido com o da Liga italiana. “Precisamos dizer ‘não’ à Europa de Macron”, afirmou em um dos discursos, “pela primeira vez em 60 anos, com nossos aliados europeus que encarnam o acordar de seus povos, temos a oportunidade de construir uma Europa de Nações que enterre a União Europeia.”*

*Europa de Nações é um eufemismo cunhado por Steve Bannon, o ex-guru de Donald Trump que, no continente, pretende costurar uma aliança de partidos da extrema-direita. É uma maneira de falar em preservação da UE ao mesmo tempo em que reforça o caráter nacionalista. É a isto que remete o ‘acordar dos povos’, um acordar para sua identidade única, nacional.*

*Reino Unido*

*O último partido realmente importante é o Brexit Party britânico, liderado pelo nacionalista Nigel Farage. É radicalmente contra a União Europeia, como nenhum outro grupo. Teve, na eleição, uma vitória marcante, levando 29 das 73 cadeiras britânicas no Parlamento. “Se não deixarmos a UE em 31 de outubro”, ele discursou, “os resultados eleitorais do Partido Brexit vão se repetir no pleito nacional”.*

*Farage pertencia, até o ano passado, ao UKIP — Partido da Independência do Reino Unido. A sigla foi uma das primeiras banidas pelo Facebook em sua mudança interna para lidar com discurso de ódio. Seguindo movimento similar ao de Salvini e Le Pen, Farage logo deixou o UKIP, acusando sua antiga casa de radicalismo e xenofobia. Faz parte do modelo Steve Bannon de rebranding. Se continua por um lado com um discurso muito similar ao anterior, produz um rompimento simbólico com o passado para sustentar a versão de que é uma nova direita, não radical. “Não se trata de uma disputa entre esquerda e direita e sim entre direito e errado”.*

*Conclusão*

*O processo todo, se depender de Steve Bannon, é de longo prazo. Na Itália, no Reino Unido e na França, ele tem íntimo contato com os comandos de cada força. E tem peso sobre decisões. Mas a formação de um bloco de partidos nacionalistas é difícil. Os britânicos querem sair da União, franceses, italianos e húngaros, não. Mesmo os que defendem uma União modificada, a tal Europa de Nações, teriam dificuldade de sustentar um discurso nacionalista em casa, contra estruturas que chamam globalistas, enquanto formam uma aliança europeia, por natureza internacionalista, que se ponha à direita. Bannon planeja criar uma grande academia de direita próxima a Roma. Na sexta-feira, o governo italiano anunciou que pretende revogar seu direito de usar um antigo mosteiro medieval para este fim. O caminho tem suas dificuldades.*